

A ESCRITA E O CONHECIMENTO EM PLATÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS ELEMENTOS DIALÓGICOS NO TEETETO

Fábio da Silva Fortes¹

Pedro Henrique Almeida Cortat de Paula²

Resumo: Diante da função destacada dada ao texto escrito na produção filosófica em geral, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão acerca do papel dos diálogos, no âmbito da relação entre escrita e filosofia em Platão. Para tanto, buscamos recapitular as principais abordagens teóricas a esse respeito: as perspectivas que diminuem a função da escrita e, portanto, do diálogo escrito, enquanto forma possível para o conhecimento filosófico, e aquelas que o consideram como um construto complexo que possibilita a investigação, segundo os argumentos de McCabe (2006), Trabattoni (2010), Cotton (2014), Reale (2007). Defendemos que o diálogo propicia um engajamento ativo do seu leitor, possibilitando, por conseguinte, a construção do conhecimento, fato que se possibilita pela complexidade da construção dialógica: os diferentes enquadres, o uso de ironias, as aporias etc. Para isso, propomos uma breve análise do *Teeteto*, buscando identificar alguns elementos do gênero diálogo e demonstrar os mecanismos dos quais ele se serve, para proporcionar uma leitura ativa, pela qual seria possível superar as limitações apontadas pelo próprio Platão em suas críticas à escrita.

Palavras Chave: Platão. Teeteto. Diálogos. Escrita Filosófica.

Abstract: Given the prominent function of written texts in philosophical production in general, the goal of this paper is to present a reflection on the role of dialogues within the context of the relationship between writing and philosophy in Plato. Therefore, we seek to recapitulate the main theoretical approaches on this matter: the perspectives which lessen the function of writing and, hence, the written dialogue as a possible form for philosophical knowledge, and those which consider it as a complex construct that allows the investigation. We follow the views of McCabe (2006), Trabattoni (2010), Cotton (2014), Reale (2007). We argue that the dialogue provides with an active involvement of its reader, enabling him to build his knowledge, as a consequence of the complexity of dialogical construction: the different framings, the use of irony, the aporias etc. For this, we propose a brief analysis of the *Theaetetus*, seeking to identify some elements of the genre dialogue and to demonstrate the mechanisms of which it serves to provide an active reading, in which it would be possible to overcome the limitations mentioned by Plato himself in his criticism of writing.

Keywords: Plato. Theaetetus. Dialogues. Philosophical Writing.

¹ Professor Adjunto de Grego Clássico da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Doutor em Linguística (Estudos Clássicos) pela UNICAMP. E-mail: fabio.fortes@ufjf.edu.br

² Graduado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pedro.cortat@ich.ufjf.br.

1. Introdução

Circundam a obra platônica diversas questões importantes. Primeiramente, questões de autenticidade, devido à distância temporal entre nós e Platão e todas as adversidades passadas por seus escritos através dos séculos: não possuímos nenhum autógrafo do autor e alguns dos diálogos que lhe são atribuídos têm sua autoria contestada, como *Minos*, *Epínomise* e quase todas as cartas, excetuando-se a *Carta VII* (COOPER, 1997, p. V e XV; TRABATTONI, 2010, p.13). Diretamente ligada a essa problemática, existe a questão da cronologia interna dos diálogos, ou a forma pela qual devemos organizá-los³ (COOPER, 1997, p. VIII-XII). Ainda a respeito disso, a busca pela separação do que é socrático e do que é platônico, é também um tópico de interesse na obra de Platão (PRIOR, 2006).

Tais questões, apesar de fundamentais, não representam o objeto específico deste trabalho. Temos como meta, de forma ampla, apresentar alguns apontamentos sobre as propostas de interpretação do *corpus platonicum*, no âmbito da relação entre escrita e filosofia, ponderando a respeito da função representada pelo gênero diálogo nesse arranjo, tendo como amostra analítica o diálogo *Teeteto*. Defendemos que os diálogos escritos participam da filosofia platônica, desenvolvendo uma função importante. Apesar das críticas formuladas pelo próprio filósofo aos textos escritos, acreditamos que tais reservas não se aplicam inteiramente a seus diálogos, cujo gênero busca, através de mecanismos que ora obscurecem a leitura, ora proporcionam desafios interativos, evocar a participação ativa do leitor na construção do conhecimento; viabilizando, desse modo, esse gênero de escritura como ferramenta filosófica. Para isso, em primeiro lugar, iremos desenvolver uma revisão bibliográfica acerca das propostas de leitura dos diálogos, feitas por McCabe (2006), Trabattoni (2010) e Cotton (2014), a partir das quais procederemos, em um segundo momento, a uma análise dos elementos dialógicos do *Teeteto* e seu potencial filosófico.

³A organização clássica da obra platônica foi estabelecida por Trasiló, filósofo platônico e gramático egípcio do primeiro século, e dela derivam todos os manuscritos medievais de Platão e, portanto, todas as nossas referências textuais desse autor. Ele dividiu os trinta e seis diálogos (inclusive alguns hoje considerados apócrifos) em nove tetralogias, seguindo um formato das tragédias antigas. Além das tetralogias, há um apêndice com trabalhos considerados ilegítimos. Porém, nessa organização, não parece existir nenhum critério específico e universal de seleção. A primeira tetralogia segue a conexão interna da trama dos diálogos (o julgamento e morte de Sócrates), já na segunda, não encontramos esse mesmo critério. A questão da cronologia dos diálogos também não é resolvida a partir dessa estrutura. Cooper insiste que o próprio gramático não alegava estar apresentando uma organização proposta por Platão. (Cooper, 1997, VIII-XII)

2. Revisão Bibliográfica: correntes interpretativas dos diálogos de Platão e a crítica à escrita

Rowe (2006, p.13) sugere que, ao produzir seus textos, Platão buscava se comunicar com outras pessoas, e não puramente escrever para si mesmo. Entretanto, o fato de Platão expressar-se sempre de maneira indireta, através de diálogos nos quais nunca aparece como um personagem, torna particularmente complexa a tarefa de interpretar seus escritos, em comparação com qualquer outro filósofo. Como resultado, Platão acaba não sendo claro sobre quem é, ou onde se encontra, sua voz autoral, chegando alguns autores como Giovanni Reale, Heinrich Gomperz e J. Stenzel⁴, até mesmo a contestar a mera possibilidade de atribuir uma doutrina específica a Platão nos diálogos (REALE & ANTISERI, 2003, p.129-130; REALE, 1994, p.11-17).

Nesse quadro, é possível apontar duas grandes correntes interpretativas, sendo uma delas aberta em duas subcategorias. A dogmática é caracterizada por acreditar haver nas obras de Platão uma doutrina sendo exposta, esta posição pode ser dividida em unitarista e desenvolvimentista. Na primeira, todos os diálogos foram escritos e publicados exibindo uma continuidade e unidade de intencionalidade, um propósito que é sempre a posição platônica. A segunda, a desenvolvimentista, alega também existir teses e argumentos platônicos, mas que esses foram reformulados e revisados ao longo da vida do filósofo, esta posição advém de estudos estilométricos principalmente do séc. XIX. (ROWE, 2006; COTTON, 2014, p.22-25)

Acerca da posição dogmática, Trabattoni preocupa-se com as interpretações dos diálogos que tomam as vozes individuais dos personagens, mesmo do recorrente Sócrates, como a voz do autor:

Para encontrar o pensamento de Platão nos diálogos não basta somente seguir algumas afirmações, mesmo que se trate de afirmações de Sócrates (e dos outros condutores). Em vez disso, faz-se necessário analisar no seu todo a estrutura dialógica, composta quer por perguntas, quer por respostas dos interlocutores, tentando assim entender o que Platão queria dizer ao leitor ao construir um certo tipo de diálogo, no qual quem interroga formula certas perguntas, e quem responde o faz de maneira bastante calculada. O resultado do texto é sempre a soma desse entrelaçamento; e pode acontecer, com grandes chances, que a contribuição do interlocutor seja pouco relevante, podendo também acontecer (e com chances ainda maiores), que o sentido de um determinado desenvolvimento dialógico ultrapasse largamente as asserções dos dialogantes. (2010, p.20)

⁴Expoentes da escola de Tübingen-Milão.

Em contraposição à visão dogmática, existe a abordagem cética, que alega não existir, da parte de Platão, nenhuma intenção de apresentar algum ponto de vista ou argumento autenticamente seu, mas afirmando que os diálogos seriam entidades singulares e independentes, e deveriam ser lidos como uma espécie de propedêutica filosófica, nos quais seríamos instigados a pensar por nós mesmos, ao invés de passivamente aceitarmos de outros ou de livros supostos conhecimentos verdadeiros (ROWE, 2006, p.22). Cotton indica que, justificando a posição cética, existe nos diálogos uma preocupação constante, cujo teor dita que aceitar as ideias de outra pessoa, sem nenhum critério epistemológico, é considerado danoso para o aprendizado (COTTON, 2014, p.22-25).

Contudo, a visão propedêutica dos diálogos, enquanto ferramentas de estímulo ao λόγος, é própria também de algumas abordagens dogmáticas. Em ambas, a leitura dos diálogos platônicos é um processo difícil que não prescinde de esforço por parte do leitor, que é constantemente desafiado pelos textos; a diferença é que os céticos veem esse esforço ser direcionado para o desenvolvimento dos próprios leitores a buscar a verdade, seja qual for, enquanto os dogmáticos veem-no como um caminho de se perceber a doutrina platônica⁵. (COTTON, 2014, p.18; TRABATTONI, 2010, p.22-23).

Trabattoni reflete que os diálogos pensados desse modo atestam uma sincronia de forma e conteúdo nos escritos platônicos, que concorda absolutamente com a natureza da investigação filosófica “nunca definitivamente concluída e sempre aberta a ulteriores aprofundamentos, corresponde uma modalidade expressiva dúctil e não dogmática do diálogo.” A título de exemplo ele aponta o modo pelo qual Platão faz usufruto dos mitos e alegorias, cujo caráter visaria “representar de modo não dogmático ou doutrinal conteúdo de caráter filosófico”, isto é, ao invés de emitir uma explicação clara sobre um tema, Platão procede via uma narrativa alegórica, pela qual o significado é apresentado para apreciação do leitor de forma obscura e a interpretação dificultada. (2010, p.25).

Nesse aspecto, Rowe (2006, p.22) retoma e avança o ponto apresentado na citação de Trabattoni. O filósofo não diz simplesmente a verdade através da fala de um ou outro personagem, em parte por possuir posições difíceis de serem comunicadas diretamente sem agredir seu interlocutor, e igualmente por não considerar possível fazê-lo de qualquer

⁵Por mais homogêneas que essas abordagens possam parecer ao serem separadas dessa maneira existem outras leituras possíveis que em seus aspectos básicos podem ser encaixados num desses dois grandes grupos, mas em outros aspectos são fortemente distintos. Um exemplo é a leitura “pós-moderna”, em muito se assemelha da leitura cética, ao afirmar não existir um Platão verdadeiro a ser encontrado no texto dos diálogos. Mas que vai além dos pressupostos da abordagem cética ao afirmar serem polissêmicos os diálogos e possível toda sorte de interpretações, em outros termos não um ou nenhuma voz do autor, mas várias vozes platônicas. (ROWE, 2006, p.14-15)

maneira, devemos trabalhar por nós mesmos para que o aprendizado aconteça. O autor elenca dois pontos basilares de interpretação: primeiro, deve-se ater tanto ao que está sendo dito, quanto ao como está sendo dito. Segundo, distinguir entre o que Sócrates diz por si mesmo, quando ele reproduz o discurso de outros, quando ele fala ironicamente, quando está na verdade tentando provar um argumento seu dizendo o inverso dele. E, mais importante, deve-se atentar para as lacunas deixadas nos raciocínios das personagens. Quanto a isso, Rowe (2006, p.21-22) afirma que esses lapsos discursivos são premissas ocultas, as quais deveriam ser desvendadas para encontrar-se a justificativa dos argumentos apresentados.

Além das características intrínsecas ao próprio diálogo, que engendram os princípios interpretativos elencados acima, deve-se, ainda, acrescentar um segundo e crucial elemento: a crítica que Platão parece fazer à própria escrita enquanto veículo viável de suas ideias filosóficas. Com efeito, no *Fedro* (277E -278B) e na *Carta VII* (341C), desenvolve-se um debate que permite refletirmos sobre a finalidade dos diálogos dentro do relacionamento entre texto escrito e sua filosofia. Afinal, se não existe mérito nenhum em textos escritos, por que motivos dedicar tanto tempo e energia a escrever uma obra tão vasta? Se Platão realmente não reconhecesse nenhum mérito nos textos escritos não seria menos incongruente se tivesse agido como Sócrates e simplesmente não escrito coisa alguma?

Essa discussão orbita em torno de duas posições. A mais tradicional, de base neoplatônica (ROWE, 2006, p.14), ignora a crítica interna dos diálogos aos textos escritos e a existência, ou relevância, dos ensinamentos orais, atribuindo aos escritos a possibilidade de acesso integral ao conteúdo filosófico. Segundo essa perspectiva, da leitura dos diálogos, seria possível retirar, sem nenhuma espécie de prejuízo, as propostas que constituem genuinamente a doutrina platônica plena e autêntica.⁶ (REALE, 1994, p.10-11).

Diametralmente oposta, está a abordagem da escola de Tübingen-Milão, cujo principal posicionamento é reconhecer a insuficiência dos diálogos para se ter acesso ao conteúdo platônico. No limite, essa interpretação permite pensar o diálogo como meras peças utilitaristas que só têm algum valor quando colocadas à luz das doutrinas não-escritas (*ἄγραφα δόγματα*), que são conhecidas através dos relatos indiretos, a maioria de Aristóteles, obtidos,

⁶“Entre os estudiosos que contribuíram de diversos modos para uma articulação do modelo de interpretação tradicional, três merecem particular menção: D. Ross, *Plato's Theory of Ideas*, Oxford 1951 (1952²); Ph. Merlen, *From Platonism to Neoplatonism*, Haia 1953 (1968², reimpressão 1975), e, numerosos artigos agora recolhidos in: *Kleine philosophische Schriften*, Hildesheim-Nova Iorque 1976; C.J. de Vogel, [...]” (REALE, 1994, p.12, nota:5)

conjecturalmente, das aulas ministradas por Platão na Academia⁷. Nesse viés, o conhecimento filosófico mais elevado só seria possível via oralidade, e, portanto, estaria reservado aos alunos da instituição, os iniciados. Aos diálogos escritos, estaria reservada, por exemplo, uma posição similar àquela dos livros de Carl Sagan sobre astrofísica, e ciências em geral: para a filosofia, eles seriam como materiais introdutórios e de divulgação científica, que, quando muito, poderiam despertar o interesse do leitor e preparar sua mente com os conceitos e métodos necessários para em outro contexto avançar.

Trabattoni formula críticas às duas posições. Quanto à tradicional, argumenta que “um ensinamento oral de Platão por certo deve ter existido, e que os testemunhos de Aristóteles não podem ser simplesmente desqualificados e que as críticas à escrita, assim como foram formuladas, dificilmente possam excluir os diálogos”. (2010, p.22). Além disso, o uso recorrente de mito, ironia e aporias são caracterizadores de uma produção textual escrita complexa, que pode proporcionar um desafio ao leitor, não devendo, portanto, tampouco ser reduzido a material introdutório ou mesmo insuficiente: “Platão estava persuadido de que a filosofia é uma coisa demasiadamente séria para podermos reduzi-la a uma sequência bem concatenada de asserções.” (2010 p.25-26). Em resumo, para encontrar a doutrina platônica nos diálogos, não seria suficiente simplesmente ler o que está sendo dito pelas personagens, e pinçar asserções sobre a natureza do mundo e a existência humana, o que não significa também, que fique inviabilizado qualquer aprendizado filosófico através de uma leitura inteligente de Platão. (COTTON, 2014, p.26)

Quanto à corrente da Escola de Tübingen-Milão, que, como vimos, se baseia na premissa de que Platão não colocou em seus diálogos escritos os tópicos principais de sua doutrina, Trabattoni diz que “a contraposição, em Platão, entre oralidade e escrita, não possui (ou não possui somente) o objetivo contingente de dividir as doutrinas entre coisas que poderiam ser ditas a todos e coisas que poderia ser ditas somente a alguns.” (2010, p.22). A mera possibilidade de que os diálogos veiculem, por si mesmos, propostas fundamentais da filosofia de Platão, é o que lhe assegura o fato de não ser uma doutrina elitista, resumida à Academia, mas que continua nos diálogos, além dos muros de sua escola:

⁷A escola de Tübingen-Milão dá total crédito ao relato indireto, para desconfiar dos diálogos que foram escritos por Platão, portanto imediatos. Não desconfiamos da autoridade de Aristóteles para abordar qualquer temática platônica, o estagirita foi membro discente e docente da Academia por mais de vinte anos, porém é discutível até que ponto as doutrinas não-escritas (*ἄγραφα δόγματα*) por ele apresentadas são puras, e não foram enviesadas por sua própria interpretação. Indo além, Reale (1994, p.12-20) recorre a passagens escritas, para desabilitar os textos escritos, e desconfiar de seu valor filosófico. Algo no mínimo contraditório.

De fato, na preferência que Platão manifesta pela oralidade é determinante um motivo de caráter filosófico: o mesmo que impulsiona Platão a escrever diálogos de maneira anônima, a dedicar um largo espaço da sua obra a um Sócrates que age de modo crítico-cético e a disseminar nas suas páginas omissões, e contradições e fórmulas de cautela. (TRABATTONI, 2010, pg.26)

A partir dessas críticas, uma terceira via para a interpretação dos diálogos platônicos surge. Na síntese dos trabalhos de Trabattoni (2010), Cotton (2014) e McCabe (2006), propomos uma abordagem intermediária, que equilibra os problemas entre escrita e filosofia, a partir da análise do formato do gênero textual em que tal filosofia se exprime: o diálogo. Nesse gênero, Platão está materialmente ausente enquanto um personagem ou uma voz identificada, mas seu pensamento e, portanto, sua filosofia, permeia e define a construção do texto e a disposição dos argumentos. Avaliar, portanto, o gênero, a sua construção e as interrelações dos argumentos nele contidos permite-nos encontrar o valor filosófico do diálogo de Platão. Apesar de não deixar explícita essa posição, parece-nos que Trabattoni (2010, pg.19-20) supõe, que sem a certeza absoluta da voz autoral de Platão⁸, não haveria base segura para afirmar qualquer ponto apresentado como platônico, em concordância com Cotton (2014). Este, por sua vez, defende que resta-nos analisar a única parte que temos certeza absoluta de ser, de fato, platônica: a estrutura dos diálogos, ou seja, o modo como as perguntas, respostas, explicações, ironias, ocultações, mitos e alegorias são organizadas e utilizadas.

O saber em Platão, afirma Trabattoni (2010, p.22), nasce no interior da alma de cada indivíduo, existindo pouca serventia ou interesse em se articular o saber filosófico através de tratados impessoais que concatenem sequências argumentativas. Para alcançar o saber, a única propriedade de qualquer meio externo, seja ele um professor ou um texto escrito, é a de estimular e favorecer esse nascimento.

Ressignificando a imagem usada por Platão para ilustrar sua investigação metafísica, pode-se ter uma noção melhor do que esses autores propõem. A “segunda navegação”, na linguagem dos mares, é a navegação executada por remos, quando as velas não são mais suficientes. A primeira navegação, impulsionada pelos ventos dos argumentos e construção

⁸Tanto ele como Rowe (2006, p.22) não aceitam que o condutor do diálogo é o porta-voz de Platão sozinho. Apontam como vulnerabilidade dessa posição o fato do mesmo condutor ser utilizado tanto em diálogos aporéticos, quanto nos mais propositivos. Sócrates, o condutor mais recorrente, lançar mão de diversos artifícios e recursos como ironia, mitos e dizer que as ideias que está apresentando vieram de outrem. Eles concluem que encontrar essa voz é a parte difícil e envolve reconhecer a importância tanto dos interlocutores quanto dos leitores na construção textual do diálogo filosófico.

textual, serve até certo ponto, mas diante de um objetivo mais ousado como o verdadeiro conhecimento, é combustível insuficiente para essa empreitada. Para que o texto escrito seja viabilizado como filosofia, é necessário que o leitor participe dessa construção, pegue nos remos e faça o esforço necessário para o barco se mover.

Considerando essas reflexões, mostraremos, no próximo item, como o leitor é convidado a participar do diálogo, tendo como referência principal o *Teeteto*, de Platão.

3. Considerações Analíticas: o *Teeteto*, de Platão

O *Teeteto* é um dos três diálogos platônicos direcionado à investigação de questões epistemológicas (junto do *Mênone* do *Sofista*). Diante dos portões de Megara, dois gregos, Euclides e Terpsião, escutam enquanto um escravo lê as anotações das memórias do primeiro, sobre uma discussão filosófica acerca da natureza do conhecimento acontecida anos antes. No diálogo, o jovem Teeteto é apresentado a Sócrates, por seu tutor de matemática Teodoro. Através da maiêutica, o filósofo busca verificar os méritos dos elogios tecidos pelo último, e averiguar a grandeza das virtudes do efebo. O jogo de perguntas e resposta os leva de definição em definição (conhecimento como técnica, sensação, opinião verdadeira, opinião verdadeira e justificada), as quais são todas refutadas por Sócrates. Derrubadas as explicações apresentadas, o filósofo deixa seu interlocutor, e o diálogo termina em aporia.

Conforme vimos no último item, a estrutura dos diálogos é concebida para conduzir o leitor ao conhecimento. Segundo essa perspectiva, o leitor emerge como o interlocutor maiêutico do diálogo: ele o observa, e sobre ele reflete em uma relação simultânea de proximidade psicológica e distância crítica. Tal qual a imagem apreciada no diálogo *Mênon*: o papel de Sócrates é exercido pelo diálogo, e ao leitor cabe o papel do escravo, que a cada página é convidado a refletir sobre a anterior (TRABATTONI, 2010, p.22-23). Nessa leitura, a natureza contínua da filosofia é extrapolada para os diálogos, ao proporcionar, através de seus desafios e estímulos textuais, a participação e o aperfeiçoamento do próprio leitor. O jogo de perguntas e respostas coloca qualquer argumento, crença e posição, automaticamente em dúvida, e proporciona reflexão. Esses impedimentos são às vezes levantados mais pelo condutor do diálogo do que por seus opositores, mesmo para argumentações por ele apresentadas. (COTTON, 2014, p.48).

Esse jogo implica medir os pressupostos e consequências de cada proposição apresentada, exercício sem o qual é impossível alcançar verdadeiro conhecimento. A mesma

analogia pode ser feita com o formato dos diálogos: Sócrates, como personagem, no *Teeteto* falando sobre as opiniões, explica o processo de raciocínio como um diálogo silencioso da alma:

Sóc.:Um discurso que a alma mantém consigo mesma, acerca do que ela quer examinar. Como ignorante é que te dou essa explicação; mas é assim que imagino a alma no ato de pensar: formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar. Quando emite algum julgamento, seja avançando devagar seja um pouco mais depressa, e nele se fixa sem vacilações: eis o que denominamos opinião. Digo, pois, que formar opinião é discursar, um discurso enunciado, não evidentemente, de viva voz para outrem, porém em silêncio para si mesmo. E tu, como te parece? (PLATÃO, *Th.* 189E-190A, trad. Carlos Alberto Nunes)

Do mesmo modo que a maiêutica pressupõe um diálogo silencioso, McCabe propõe que o diálogo escrito, na verdade, simplesmente repete o processo executado pelo próprio pensamento, de modo a facilitar seu percurso. O gênero diálogo, de acordo com McCabe (2006, p.40), faz também esse convite à participação; e o faz de maneira complexa. Um dos meios realçados pela autora é o fato de o gênero seguir um formato similar ao do teatro, principalmente dramático, e apresentar os argumentos e discussões em uma plataforma familiar a uma Atenas consumidora desse tipo de arte. Quanto à relação entre o drama e o diálogo platônico, Chauí observa:

No drama grego, é necessário que o autor ofereça as circunstâncias em que a ação ou história aconteceu, as características morais, psicológicas e sociais de suas personagens, a duração do entretido (um dia) e o desenlace, que deve ser imprevisível. A vivacidade do drama é dada por esses elementos que constituem as regras gregas do gênero dramático, de sorte que o diálogo sempre nos diz onde se passa, por que aconteceu, quem estava presente, como eram (moral, psicológica e socialmente) os participantes, como a ação (a conversa) se desenvolveu, quais os conflitos que a presidiram e qual foi o seu desenlace.(CHAUÍ, 2002, p.176)

Logo nas primeiras páginas do diálogo *Teeteto*, são tecidos elogios às virtudes do personagem que dá nome à trama, sua filiação e posição social e descrição física. São apresentados seus interlocutores, Sócrates e Teodoro, o segundo reconhecido como grande geômetra. Na conversa inicial entre Euclides e Terpsião, nos é dito quando a conversa aconteceu que ela foi anotada pelo primeiro, e qual foi sua motivação.⁹ Observa-se, ainda,

⁹A motivação do diálogo representado no interior da trama, interrogar sobre jovens talentos atenienses e testar os méritos dos elogios de Teodoro, pois de forma ampla o diálogo objetiva discutir o que é conhecimento.

que, para além desses dois leitores, está acontecendo uma guerra. (PLATÃO, Tht. 142A-146A).

O destino é também aspecto fundamental do drama grego. No *Teeteto*, são feitas menções ao eminente fim do personagem homônimo.

“**Eu.**:Vivo, porém muito mal; ressentido-se bastante dos ferimentos recebidos. Porém o pior é ter apanhado a doença que atacou as tropas. **Ter.**:Disenteria, talvez? **Eu.**:Exato. **Ter.**:Pelo que dizes, estamos na iminência de perder um homem e tanto!” (PLATÃO, Tht. 142B).

Nesse mesmo escopo McCabe aponta que “o julgamento e morte de Sócrates obscurece muitos diálogos (*Apologia, Criton, Fedon*, é claro, mas também *Eutífron, Mênon*, e até mesmo *Teeteto*)” (2006, p.46). O fim trágico do mestre de Platão mencionado no *Teeteto*, o que, a par dos elementos que caracterizam o cenário e os personagens, também contribui para a “dimensão dramática” do diálogo:

Eu.:Tinha pressa de chegar em sua casa. Insisti com ele e o aconselhei muito; porém não se deixou convencer. Por isso, o acompanhei: e, ao retornar, lembrei-me, com admiração, de como Sócrates foi bom profeta a respeito de muitas coisas e também de Teeteto. Parece-me que pouco antes de morrer ele encontrou Teeteto, que ainda era adolescente. Ambos a se conhecerem, e logo a conversar, tendo ficado Sócrates encantado com a natureza do rapaz. Quando estive em Atenas, Sócrates me falou pormenorizadamente a conversa que então mantiveram, muito digna de ouvir, tendo acrescentado que se ele chegasse a ser homem, fatalmente se tornaria célebre.(PLATÃO, Tht. 142C-142D)

A citação não só contribui para elucidar como a morte de Sócrates pode conferir teatralidade ao diálogo, mas também apresenta um dos diversos elogios dirigidos à *Teeteto* nessa parte inicial. Esse formato teatral favorece os diversos enquadramentos e reenquadramentos típicos da construção do diálogo platônico (*frames & framed*), quando o diálogo está em um nível e salta para outro nível, perfazendo uma linha discursiva no interior de outra, levando os personagens do primeiro plano, assim como os leitores, a se colocarem na posição de “espectadores” do processo. É o que vemos, por exemplo, no *Teeteto*, que se inicia com uma conversa entre Terpsião e Euclides e, em seguida, se desloca para as anotações do segundo, que contém outro diálogo, este sim o mais importante, entre o jovem Teeteto e Sócrates. (PLATÃO, Tht. 143C-142D). Ainda dentro desse segundo diálogo, Sócrates simula um discurso de Protágoras para proporcionar ao debate uma defesa mais fiel das teses anteriormente apresentadas:

[...] Mas talvez desejes saber o que poderia aduzir Protágoras em defesa de sua doutrina? Valerá a pena falarmos em seu nome? **Teo.:**Acho que vale. **Sóc.:**Diria tudo isso que acabamos de falar em sua defesa e se voltaria, quero crer, para o nosso lado com mostras do mais soberano desprezo, nos seguintes termos: “este mui digno Sócrates, depois de haver perguntado a um menino atemorizado se uma mesma pessoa podia lembrar-se de determinada coisa e não conhecê-la, o que o outro negou, de puro medo, por não poder calcular o que viria depois disso, resolveu cobrir-me de ridículo com sua demonstração. [...] (PLATÃO, Tht. 165E-166A)

A simulação do discurso é o reenquadramento, pois os interlocutores do segundo diálogo (que é o enquadramento do primeiro, entre Terpsião e Euclides) passam a observar seu desenvolvimento. No final, o condutor então retoma o debate como anteriormente, em forma de perguntas e respostas, os dialogantes podem usar o conteúdo do discurso para refletir sobre o modo como estavam conduzindo a discussão (relacionando o reenquadramento com o enquadramento):

Partindo disso, investigarás se o conhecimento e a sensação são idênticos ou diferentes, não, porém, como fizeste há pouco, recorrendo apenas ao sentido usual das expressões e dos vocábulos, que a maioria violenta ao sabor do acaso, com o que só conseguem aprestar para si próprios toda a sorte de aborrecimentos”. — Eis aí, Teodoro, o socorro que me foi possível trazer para teu companheiro, na medida de minha capacidade. É pequeno, por eu ser pequeno. Se ele ainda vivesse, com muito mais brilho se defenderia, por fazê-lo em causa própria. **Teo.:**É brincadeira, Sócrates; defendeste o homem com ardor juvenil. **Sóc.:**Isso é muita bondade, companheiro. Porém diz-me uma coisa: porventura não notaste que Protágoras nos falou agora mesmo em tom de censura, por dirigirmos nosso discurso a um menino e nos aproveitarmos de sua timidez em detrimento de sua doutrina? Não chamou a isso pilhéria de mau gosto, dando grande relevo à sua medida das coisas e concitando-nos a estudar seriamente aquela doutrina? [...] (PLATÃO, Tht. 168b-168d)

Quanto a esse procedimento de enquadramentos e reenquadramentos¹⁰, McCabe (2006, p. 41) apresenta o argumento de que a “interrupção, indubitavelmente, chama atenção não somente para os pontos individuais no argumento, mas também para o modo como o diálogo é escrito”¹¹. Em outras palavras, questionar a proximidade e autenticidade do que está sendo relatado, despertar desconfiança, crítica e quebrar a fluidez dos argumentos, o termina por provocar reflexão, fazer o leitor pensar, participar do processo. Continua a autora:

¹⁰Outro exemplo possível, ainda no Teeteto, de deslocamento do enquadramento é o diálogo indireto que Sócrates e Teodoro travam com os defensores da teoria mobilista, entre as partes 181b e 183b.

¹¹“The interruptions undoubtedly call attention not only to individual points in the argument, but also to the way in which the dialogues is written.”

Nesses diálogos dentro de diálogos, a relação entre enquadramento e reenquadramentos se torna móvel, de modo que o enquadrado se torna o enquadramento. Quando isso acontece, o enquadramento por si providencia o *locus* para comentário e reflexão acerca do que acontece nos diálogos enquadrados.¹²(MCCABE, 2006, p. 41)

Nessa perspectiva, os diálogos aporéticos também representam estratégias de envolver o leitor na formulação do pensamento filosófico. Com efeito, eles são inconclusivos, porque, ao fim desses diálogos, todas as posições apresentadas passaram por escrutínio e tanto seus argumentos a favor, quanto os contra foram examinados e exibidos. Nenhuma posição, nesses casos, se mantém inatacável. A ausência de conclusão visaria proporcionar um desconforto pós-leitura, que faria o leitor iniciar um movimento de ponderação sobre o que acabou de ler. Torna-se imprescindível para o leitor inquirir por si mesmo, e, sozinho, buscar concluir, reforçar ou refutar as posições apresentadas.

É o que acontece no final do *Teeteto*: embora se concebam diferentes conceituações para responder a pergunta realizada (o que é o conhecimento?), no final o diálogo termina em aporia. Ao fim de seu debate, os interlocutores parecem dar-se por satisfeitos com a conclusão de que conhecimento é opinião verdadeira e justificada; não obstante, Sócrates declara estar insatisfeito, e que permanece em dúvida. O motivo é que um dos caminhos seguidos, por ele e Teeteto, para compor essa definição, abre precedente para a refutação dessa tese (PLATÃO, *Tht.*199E-205E). Pois para demonstrar que, sem justificação não há conhecimento (em continuação ao raciocínio, apresentado anteriormente no diálogo, de que nos tribunais opinião verdadeira, sozinha, não constitui conhecimento), os dialogantes refletem sobre como se distinguem as coisas conhecidas das que não são.

Nesse intento, voltam-se para os elementos mínimos da linguagem. As letras, afirmam, não admitem explicação alguma, só podemos nomeá-las. Ainda que nossos sentidos possam apreendê-las com clareza, não podemos dizer mais nada sobre elas. Em contrapartida as sílabas, por serem complexas, são explicáveis (podemos, por exemplo, enumerar suas partes). A conclusão a que os interlocutores chegam é que, acerca das duas coisas, podemos ter opinião correta. Em outras palavras, ao discursar sobre algo, podemos formular asserções que correspondem a verdades de fato daquele objeto. Entretanto, concluem, não conhecemos a ambos, só aquele sobre o qual podemos receber e emitir explicações racionais.

¹²“In these dialogues within dialogues, the relation between frame and framed becomes mobile, so that the framed becomes the frame. When that happens, the frame itself provides the locus for comment and reflection upon what happens in the framed dialogue.”

É exatamente essa distinção que elocubra Sócrates. Se os elementos (as letras), não podem ser conhecidos, igualmente as sílabas, que são explicadas pela enumeração de seus elementos, também não poderiam. Pois parece pouco plausível que conheçamos a sílaba, mas não seus elementos. É proposto, então, que a sílaba seja um ente distinto de suas partes, um aspecto único e indivisível, porém essa conclusão leva ao mesmo problema das letras: acabamos por não poder explicá-las, só dar-lhes o nome e nada mais, logo também não são conhecidas. Durante o desenvolvimento da argumentação, eles demonstram que a justificação, e, portanto a linguagem (elemento central da última tese sobrevivente), pelo menos no caso das letras e sílabas, não se sustentam como conhecimento. Este é o primeiro movimento do diálogo em direção à refutação da última definição sobre conhecimento, ainda que derrube um alicerce fundamental dela, todavia Sócrates segue analisando os problemas relacionados.

Nesse segundo momento, aponta outra contradição, uma vez que, de posse desses elementos constitutivos, sem que necessariamente estejamos alicerçados no conhecimento, ainda assim podemos compor uma linguagem correta (portanto, possuir opinião verdadeira e justificada). Isso acontece, pois, além de não serem conhecidas, as partes não são exclusivas do todo. Uma mesma letra pode ser utilizada em várias sílabas, e uma mesma sílaba pode ser utilizada em diversas palavras. O mesmo se dá com as palavras em uma definição, ou características em uma pessoa. Logo, não podemos fundamentar o conhecimento no comum, pois a definição de um ser não pode ser reciclável. Deve então contemplar o componente que o diferencia dos demais. Os interlocutores então identificam um problema, é impossível ter uma opinião correta sobre algo, sem dele possuir uma marca indelével de sua alteridade. Deste modo, dizer que conhecimento é uma opinião verdadeira e justificada significaria, por extensão, afirmar que conhecer algo é “naquilo de que já temos uma opinião correta sobre o que o distingue de tudo o mais, mandarem que acrescentemos a opinião correta a respeito do que a distingue das outras coisas.” (PLATÃO, Tht. 208A-210A).

Sócrates refuta a última resposta para a pergunta, e conclui explicando a Teeteto que essa definição de nada serve para a investigação realizada por eles. Em suas palavras: “[...] Seria mais justo chamar-lhe conselho de cego, pois convidar a tomar o que já temos para aprendermos o que já pensamos, parece próprio de quem não enxerga um dedo adiante do nariz.” (PLATÃO, Tht.209E) Ao fim do diálogo, sem deixar uma definição incólume, Sócrates vai embora. A única conclusão a que se pode chegar é negativa: ficamos sabendo somente que conhecimento não pode ser sensação, ou opinião verdadeira, ou a explicação racional acrescentada a essa opinião. Porém, antes de partir, Sócrates avisa a seu interlocutor

que, findadas as dores do parto maiêutico, ele está melhor do que no começo do diálogo, pois agora é ciente de sua própria ignorância.

Se Cotton estiver correto e os acontecimentos ocorridos com os interlocutores realmente servirem para representar ao leitor como ocorre o aprendizado (2014, p.47), resta a este, uma vez que passou pela experiência maiêutica também (TRABATTONI, 2010, p.22-23), escolher entre aceitar o convite à participação e, portanto, estender sua ação crítica para além do texto escrito, fomentando seu próprio diálogo interior: ao refletir sobre aquilo que foi lido, revisar as definições, apresentar novas propostas próprias, refutar os argumentos socráticos etc. Ou ignorá-lo, e calar sua alma para a possibilidade de conhecimento.

Outro elemento que evoca a participação do leitor no diálogo está na remissão a outros diálogos. McCabe (2006, p.48) demonstra que, ao referenciar, por exemplo, no *Fedon* (72E-73A) a demonstração da reminiscência que acontece no *Menon* (82B-86B), Platão não estaria simplesmente adicionando notas de rodapé, mas nos convidando a comparar as passagens e analisar suas metodologias. No *Teeteto* não encontramos passagem similar à citada por McCabe, onde um dos interlocutores faz referência direta a uma conclusão realizada por Sócrates em outro diálogo. Entretanto, existe uma referência a um acontecimento de outro diálogo. Em sua última fala, Sócrates diz que, terminado o diálogo, irá se apresentar ao pórtico do rei, para averiguar as acusações formuladas contra ele por Meleto. (PLATÃO, *Tht.*210D). Esta ação é a causa que desembocará nos acontecimentos do diálogo *Eutífron*. Ainda que seja ausente uma referência explícita, é possível observar, a partir dessa menção, um paralelismo metodológico implícito. No *Teeteto*, a primeira resposta à questão apresentada (o que é conhecimento?) é considerada insuficiente, pois é composta por uma enumeração de alguns conhecimentos (PLATÃO, *Tht.*146C-D). No entanto, o que o filósofo busca não é isso, mas uma definição objetiva do próprio conhecimento. O problema desse tipo de resposta é evidenciado com o exemplo da argila, onde é ilustrada a clara oposição entre dizer o que é lama (terra e água somados), contra enumerar seus múltiplos usos (lama dos oleiros, dos tijoleiros, do artesão de bonecas)(PLATÃO, *Tht.*147A-D). O mesmo procedimento é repetido no *Eutífron*, onde o interlocutor socrático, diante do questionamento sobre o que é piedade, responde ao filósofo enumerando alguns tipos de ações por ele consideradas piedosas. A mesma crítica é apresentada, e a inquisição sobre a piedade/impiedade propriamente continua.

Esse recurso segue o mesmo padrão da ironia, não é direcionado ao interlocutor do diálogo, mas ao leitor, para que esse investigue e perceba as complicações e nuances de cada

ponto apresentado. No *Teeteto*, mesmo estando ciente dos problemas relativos à definição de conhecimento como opinião verdadeira e justificada, Sócrates comemora o suposto sucesso de suas investigações. Porém, alega sentir-se incomodado, e convida seu interlocutor para continuarem investigando. É interessante observar que ele não diz simplesmente que a tese está errada, mas diz que algo não lhe agrada, que talvez exista algo errado, e que devem prosseguir investigando. Não se compromete nem para um lado, nem para o outro, busca somente provocar (PLATÃO, *Th.* 202D-E).

Ziniewicz ressalta a seguinte ironia no desenrolar do mesmo diálogo:

Sócrates alega que uma parteira, que pode distinguir um bom resultado de um ruim é também uma casamenteira competente. Sócrates sabe que os “casamentos” dos homens e ideias são propícios a terminar em *insights*. Sócrates sabe como juntar professores e alunos. A ironia acontece pois foi Teodoro que juntou Teeteto e Sócrates, não por que ele é um especialista nesse assunto, mas porque, nessa ocasião pelo menos, aconteceu de ele estar certo (Opinião verdadeira). Teodoro não julga nem Sócrates, nem Teeteto perfeitamente (Isso requereria a visão do Bem), mas sua opinião está certa. Ainda assim, Teodoro no passado cometeu um erro ao junto Teeteto com Protágoras.¹³ (Ziniewicz, 2013, §6)

Os apontamentos críticos, de que opinião verdadeira (e posteriormente também a justificada), não necessariamente significam conhecer, só acontecerá próximo ao fim do texto. O autor prossegue, apontando outra relação com as teses do diálogo “Teodoro vê o que Teeteto e Sócrates têm em comum (a aparência de nariz chato e predisposição à inquisição), mas não vê como eles diferem, um erro crítico se conhecimento significa observar tanto a diferença quanto a identidade (o comum).”¹⁴ (ZINIEWICZ, 2013, §7). Essa curva específica da investigação (realizar que o conhecimento se refere à similaridade e distinção), também só se cumprirá nas últimas páginas, exatamente na composição da aporia final.

Uma implicação dessas observações é o reforço da tese por nós defendida de que existe uma sincronia entre a forma do gênero diálogo e seu conteúdo. Capturar essa ironia

¹³“Socrates claims that a midwife, who can tell a good result from a bad one, is also a competent matchmaker. Socrates knows what “marriages” of men and ideas are most likely to lead to insights. Socrates knows how to match up teachers and learners. The irony is that Theodorus has matched up Theaetetus with Socrates, not because he is an expert at such matches, but because, on this occasion at least, he happens to be right (right opinion). Theodorus does not judge either Socrates or Theaetetus perfectly (that would require a vision of the good), but his opinion is right. Yet Theodorus has in the past mis-matched Theaetetus with Protagoras.”

¹⁴“Theodorus sees what Theaetetus and Socrates have in common (their snub-nosed appearance and predisposition to inquire), but he does not see how they differ, a critical mistake if knowledge means grasp of difference as well as identity (the common).”

estrutural exige um esforço e atenção muito grande da parte do leitor, para tal é preciso encontrar pontes entre várias passagens do texto. Ao leitor é proporcionado um desafio hercúleo, um segundo nível interpretativo, talvez imprescindível para a compreensão. É ilustrativo comparar essa camada estrutural com o mundo metafísico, que é inteligível, apreendido somente pelo uso da razão. Pode acontecer, é claro, que a ironia seja muito sutil e, portanto, acabe não sendo percebida. No entanto, de modo geral, acreditamos que seu objetivo é estabelecer relação com o leitor.

4. Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos algumas premissas interpretativas que permitem-nos compreender o diálogo escrito de Platão como um construto metodológico importante para sua filosofia. Para isso, matizamos as chamadas interpretações “dogmáticas”, para as quais o texto escrito encerra uma verdade transparente ao seu analista, bem como as interpretações da chamada “Escola de Tübingen-Milão”, que apostam, ao contrário, no esvaziamento do texto escrito como possibilidade para a filosofia. Assim, apostamos em uma terceira via, que acredita no diálogo como proposta de trazer o leitor à interlocução filosófica, desafiando-o, problematizando e levando-o a construir, maieuticamente, as suas convicções.

Como amostra, mostramos que no *Teeteto*, os expedientes mobilizados por Platão nesse sentido são vários: a inserção dramática do do diálogo, que recupera o “fim trágico” de Sócrates como pano de fundo para uma teatralidade da qual o leitor é participante; o expediente dos “enquadramentos e reenquadramentos”, segundo o qual o autor insere diferentes níveis narrativos, obscurecendo a referência imediata das proposições e gerando distanciamento; a conclusão aporética e o uso de ironias. Tais expedientes, característicos, em suma, do diálogo platônico enquanto gênero textual, não facilitam o trabalho do leitor. Ao contrário: obscurecem o texto, desafiam e exigem do leitor uma postura ativa diante do texto, que deixa de ser proposicional e didático e se torna problematizante, tal qual o seria a experiência do diálogo na Academia.

De resto, conforme assinala McCabe (2006, p. 52), os diálogos são complexos demais para serem lidos como transparentes, ou ignorados como irrelevantes. Sua semelhança com a oralidade, seus mecanismos problematizadores, as perguntas e respostas, a falta de uniformidade da utilização desses recursos, os enquadramentos que envolvem o leitor como participante, são a chave do entendimento e aprendizado. A própria falta de clareza sobre o

papel dos diálogos dentro da filosofia platônica, cria uma lacuna que precisa ser preenchida por qualquer pessoa que se comprometa a estudar – e a *dialogar* - com Platão.

Referências bibliográficas

CHAPPELL, Timothy. Article: Plato on Knowledge in the *Theaetetus*. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2013. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/plato-theaetetus/#SumDia>> Acesso em: 02 dez. 2014.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Introdução a história da filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COOPER, John M. Introduction. In: COOPER, John M. (Org). *Plato: Complete works*. 1º ed. Indiana: Hackett Publishing Company, Inc., 1997.

COTTON, A. K. *Platonic dialogue and the Education of the reader*. Oxford Classical Monographs. Oxford: Oxford University Press, 2014.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006.

MCCABE, Mary Margaret. Capítulo 4: Form and the Platonic Dialogues. In: BENSON, Hugh H (Org.). *A Companion to Plato*. 1º ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

PIOR, William J. Capítulo 3: The Socratic Problem. In: BENSON, Hugh H (Org.). *A Companion to Plato*. 1º ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

PLATÃO. *Teeteto, Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2001. Traduzido de: DUKE, E. A.; HICKEN, W. F.; NICOLL, W. S. M.; ROBINSON, D. B.; STRACHAN, J. C. G. *Platonis Opera*, Tomus I, Tetralogias I-II, *Continens Insunt Euthyphro, Apologia, Crito, Phaedo, Cratylus, Theaetetus, Sophista, Politicus*, New York, Oxford University Press, 1995, pp. 279-382.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: Volume II*. 9º ed. São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *A História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

ROWE, Christopher. Capítulo 2: Interpreting Plato. In: BENSON, Hugh H (Org.). *A Companion to Plato*. 1º ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

TRABATTONI, F. *Platão*. Tradução de Rineu Quinalia. São Paulo: Classica/Anna Blume, 2010.

ZINIEWICZ, Gordon L. Essay: *Knowledge and Virtue in Plato's Theaetetus*: Part One & Part Two. Abril, 2013. Disponível em: <<http://www.americanphilosophy.com/theatet1.html>> Acesso em: 23 nov. 2014.